

# HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo

v. 15, n. 1

## MULHERES E MÍDIAS SOCIAIS: uma análise a partir da perspectiva arendtiana

Rayssa Silva TORRES<sup>1</sup>

Ana Carolina Cavanellas Gomes PEREIRA<sup>2</sup>

Maria de Fátima Batista COSTA<sup>3</sup>

### Resumo

Este artigo surgiu a partir das discussões realizadas nos encontros do grupo de Iniciação Científica, “Hannah Arendt: vida humana, política, poder e liberdade” conduzido pela professora Fátima Costa (ESUDA). Ao identificarmos a atualidade do debate sobre a ascensão da esfera privada na era moderna, percebemos que as mídias sociais se apresentam ora como espaço para superexposição do íntimo, ora como possíveis locais de apoio entre grupos tradicionalmente excluídos da sociedade, a exemplo das mulheres. Desta forma, o objetivo deste trabalho é analisar, a partir de uma perspectiva arendtiana, a questão da esfera pública e privada no ambiente virtual, relacionando a discussão com os usos das mídias sociais na contemporaneidade e possíveis formações de redes de apoio entre mulheres. Para tal, realizamos uma revisão bibliográfica sobre o uso e importância das mídias sociais, analisando os comentários de mulheres em vídeos publicados na plataforma do Youtube e acompanhamos uma página no Instagram. Pressupomos, portanto, que as mídias sociais possuem a potencialidade de proporcionar maior visibilidade para as mulheres e suas pautas.

**Palavras chave:** *Hannah Arendt; Mídias Sociais; Mulheres*

### Abstract

This article emerged from the discussions of the Scientific Initiation group, whose research theme is “Hannah Arendt: Human Life, Politics, Power and Freedom”, with the guidance of Professor Fatima Costa (ESUDA). When we identify the current debate about the rise of the private sphere in the modern era, we realize

---

1 Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas ESUDA. [rayssatorres@gmail.com](mailto:rayssatorres@gmail.com)

2 Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas ESUDA. [carolcavanellas@gmail.com](mailto:carolcavanellas@gmail.com)

3 Professora da Faculdade de Ciências Humanas ESUDA. [mfbcostapt@gmail.com](mailto:mfbcostapt@gmail.com)

that social media present themselves sometimes as a space for overexposing the intimate, sometimes as possible places of support between groups traditionally excluded from society, such as women. Thus, the aim of this paper is to analyze, from an Arendtian perspective, the issue of the public and private sphere in the virtual environment, relating the discussion with the uses of social media in contemporary times and possible formations of support networks among women. To this end, we conducted a literature review on the use and importance of social media in contemporary times and analyzed women's comments in one-page Instagram posts and three YouTube videos. We therefore assume that social media has the potential to provide greater visibility for women and their agendas.

**Keywords ou Palavras chave:** *Hannah Arendt; Social Media; Women*

## 1. Introdução

No século XX, o advento da internet e posteriormente das redes digitais sociais, possibilitou um conjunto de transformações gigantesco em várias áreas do conhecimento, das organizações sociais e especialmente nas relações humanas. A internet, junto com outros fatores, provocou uma reviravolta nos costumes, nos comportamentos, nos modos de constituição do senso comum, nos modos de organização/desorganização da vida social, nas relações afetivas, etc. Dentre as mudanças mais significativas estão a eliminação de fronteiras entre pessoas e países, um melhor acesso e compartilhamento de informações e a ampliação do campo de socialização dos indivíduos. Essas novas tecnologias provocam mudanças irreversíveis em todas as esferas da vida humana desempenhando hoje um papel central para o desenvolvimento das sociedades (GIDDENS, 2006).

Atualmente muito se discute sobre os impactos gerados pelo uso excessivo da internet e das mídias sociais. Silva & Silva (2017) demonstraram que o mau uso dessas ferramentas pode afetar a qualidade de vida, o equilíbrio emocional e aspectos cognitivos das pessoas, resultando em problemas de aprendizagem e socialização, dependência e transtornos de ansiedade. Entretanto, há uma carência de publicações no Brasil sobre os impactos positivos ou negativos que essas tecnologias causam para a saúde e a vida das pessoas, especialmente das mulheres.

Conforme dados obtidos através da TIC Domicílios<sup>4</sup> (2017), pesquisa realizada anualmente pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, em 2017 o número de usuários de internet no país chegou a 120,7 milhões, representando 67% da população com mais de 10 anos de idade. Entre as principais atividades realizadas pelos usuários, destacam-se a troca de mensagens instantâneas, o acesso às redes sociais e o acesso às atividades de multimídia como assistir vídeos, programas e ouvir músicas. Esses dados refletem a influência que a internet exerce nas sociedades contemporâneas.

Segundo o sociólogo Zigmunt Bauman (2007), a internet e os meios digitais, apesar de oferecerem facilidades na comunicação tais como agilidade no processo de acesso a dados, intercomunicação cruzada, eliminação de fronteiras e entretenimento, essas tecnologias nos tornam cada vez mais individualizados e narcisistas. Hoje é mais importante publicar sobre os momentos do que vivê-los de fato; as amizades são feitas e desfeitas a um click e os sujeitos são tomados apenas como meros consumidores, havendo uma supressão da vida pública em favor do espetáculo da vida privada convertida em totem salvacionista individual. Neste cenário, as mídias sociais tornam-se espaço para superexposição do que é íntimo e privado.

A partir dos estudos de Hannah Arendt sobre a esfera pública (preocupada com as atividades relativas ao mundo comum), e a esfera privada (preocupada com a manutenção da vida e sobrevivência), percebemos que nosso atual modelo de desenvolvimento ainda tem como marca a confusão entre as essas duas esferas (ARENDR, 2018). Adriano Correia comentando a distinção feita pela filósofa afirma que:

o que marca a consolidação do mundo moderno, na avaliação de Arendt, é uma progressiva indistinção entre os domínios privado e político, por meio da ascensão da esfera social [...] A esfera social é o domínio curiosamente híbrido “no qual os interesses privados assumem importância pública” (CORREIA, 2018, p. XXXIX).

---

4 Referência, pesquisa que conta com apoio do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e de um grupo de especialistas de diversos setores.

Ainda de acordo com Hannah Arendt esta indistinção seria um erro cometido pela sociedade moderna, pois quando interesses privados são transformados em interesses coletivos, os espaços de debate e ação voltados para o mundo comum declinam resultando na anulação da política, ou seja, eliminando a criação do novo (ARENDR, 2018).

Em se tratando da criação do novo, ou da categoria da natalidade amparada na obra de Hannah Arendt, podemos afirmar que a luta das mulheres ao longo da história, embora não recente, é um capítulo novo, que inaugura novas exigências e nomos de comportamentos e usos no convívio social. Para Assis (2006), a luta das mulheres trouxe para o debate público questões antes tratadas apenas no âmbito doméstico e privativo do lar. Na contemporaneidade, os estudos sobre o feminismo como movimento político de luta pela abertura do espaço público pela mulheres e a consequente transformação da sociedade, considera que a distinção muito rígida entre o público e o privado resulta na exclusão dentro da esfera pública, de debates vinculados à mulher. Embora algumas autoras feministas afirmem que a perspectiva de Hannah Arendt sobre o público e o privado seja oposta a este movimento, deve-se refletir que Arendt considera a existência de “questões sociais que possuem relevância para a coletividade”(CORREIA, 2018, p. XLI) inseridas no contexto amplo da vida política. A preocupação de Arendt não era com a questão social em si, mas com a exacerbação do individualismo e a consequente eliminação da política, ou seja, do espaço do discurso, do pensamento e da ação (AGUIAR, 2004).

Ao identificarmos a atualidade do debate sobre a ascensão da esfera privada ao mundo público na era moderna, especialmente na contemporaneidade, percebemos que as mídias sociais, um dos mais importantes instrumentos destes movimentos, se apresentam ora como espaço para superexposição do íntimo, ora como possíveis locais de apoio entre grupos tradicionalmente excluídos da sociedade, a exemplo, as mulheres. Portanto, o objetivo deste trabalho é analisar, a partir de uma perspectiva arendtiana, a questão da esfera pública e privada no ambiente virtual, relacionando a discussão com os usos das mídias sociais na

contemporaneidade e a formação de redes de apoio entre mulheres. Para tal, realizamos uma revisão bibliográfica sobre o uso e importância das mídias sociais na contemporaneidade e analisamos comentários de mulheres em três vídeos publicados na plataforma do Youtube e uma página no Instagram.

## **2. Fundamentação Teórica**

A indistinção entre as esferas pública e privada tratadas por Hannah Arendt, ainda persiste em nossa compreensão de mundo. O trabalho da filósofa nos permite efetivar diversas conexões com os problemas vivenciados na atualidade, e para realizarmos essa ponte, fez-se necessário munirmo-nos dos conceitos de alguns autores que refletem sobre questões contemporâneas, especialmente as que afetam a vida das mulheres.

A globalização, como descrita por Giddens (2006), eliminou fronteiras entre pessoas e países e provocou mudanças em todo as esferas da vida humana e em todos os lugares, seja em termos econômicos, políticos, sociais ou culturais. Esses fenômenos, além de intensificarem a confusão já estabelecida entre o público e o privado, transformam a forma como as pessoas se relacionam umas com as outras. As mídias sociais modificaram a forma como as pessoas interagem, facilitando a comunicação, troca de imagens e informações entre sujeitos.

Ao modificar as relações sociais, essas novas tecnologias de comunicação também surgem como um espaço de superexposição das intimidades e da vida privada (HAN, 2018). Nas palavras de Byung Chul-Han “não teríamos mais hoje qualquer esfera privada, pois não há, agora, nenhuma esfera em que o eu não seria uma imagem, em que não haveria nenhuma câmera” (HAN, 2018, p.13).

Já de acordo com Bauman (2007), vivemos uma nova fase da modernidade, a fase líquida, onde o respeito pela durabilidade das coisas é mínimo. Neste contexto, os relacionamentos são momentâneos, os acontecimentos mudam rapidamente nos tornamos cada vez mais individualizados, egoístas e narcisistas.

Para Gutfreind & Silva (2007), essa nova fase da modernidade seria denominada Hiperespetacularização. Se Guy Debord em sua obra *A Sociedade*

do *Espetáculo* já havia alertado que na *sociedade do espetáculo* a mídia havia colocado os sujeitos na posição de expectadores da vida alheia, na *Hiperespetacularização* os indivíduos tornam-se contempladores de suas próprias vidas, a exemplo disso destacamos a preocupação excessiva com os *likes* e as várias horas do dia que as pessoas dedicam a publicar momentos íntimos de suas vidas.

A popularização da internet e das mídias sociais/digitais também possibilitou a criação de um novo espaço “público”, ocupado por pessoas de diferentes idades, gêneros e condições sociais, gerando uma demanda pela reconstrução da esfera pública (CASTELLS, 2013). Neste novo espaço, os usuários passaram a experimentar relações sociais aparentemente simétricas (HAN, 2018).

Hoje não somos mais destinatários e consumidores passivos de informação, mas sim remetentes e produtores ativos. Não nos contentamos mais em consumir informações passivamente, mas sim queremos produzi-las e comunicá-las ativamente nós mesmos. Somos simultaneamente consumidores e produtores (HAN, 2018, p. 36)

Se por um lado essas relações aparentemente simétricas permitem a reciprocidade, elas também geram uma arena de disputa e competição, onde os indivíduos tornam-se cada vez mais preocupados com a visibilidade dos “likes”. Neste contexto, há uma maior incidência dessas preocupações especialmente por parte das mulheres, visto que estas são os principais alvos dos padrões estéticos dos mais diversos mercados que determinam o jogo do consumo que ao final prefigura o sujeito. Além disso, as crianças e adolescentes constituem também um público que demanda severas preocupações em decorrência das condições cognitivas e maturacionais desse público. Ao falarmos sobre os impactos das mídias e da publicidade sobre a imagem corporal dos adolescentes brasileiros, especialmente as mulheres, Lira *et ali* (2017) observaram que

Os adolescentes, especialmente as meninas, tendem a apresentar preocupações com o peso corporal por desejarem um corpo magro e pelo receio de rejeição, constituindo um grupo mais vulnerável às

influências socioculturais e à mídia. Além disso, são importantes consumidores de tendências, entre elas, usam intensamente as mídias sociais como modo de comunicação e “informação”, e estas, por sua vez, parecem exercer importante influência sobre a insatisfação corporal (LIRA *et alí*, 2017, p. 165).

Embora hoje as mulheres venham alcançado espaço e posições importantes na sociedade, nas mídias sociais essa supervalorização da beleza padronizada da mulher (branca, alta e magra) é intensificada. Naomi Wolf (2019), em “O mito da beleza”, aponta que as imagens de beleza são usadas para colocar mulheres umas contra as outras, ampliando a rivalidade feminina e criando empecilhos para que as mulheres não obtenham poder na sociedade. Por seguirem um modelo de beleza inalcançável, essas mulheres acabam por ampliarem suas inseguranças. Tornam-se obcecadas pela ideia de atingir o corpo perfeito e de preservar a juventude eterna valendo-se de dietas, cirurgias plásticas e todo tipo de dispositivos falaciosos ou não prometa beleza e juventude eterna. Tais hábitos afetam todas as instâncias da vida, desde a sexualidade até a carreira profissional. Para Wolf, “os vínculos entre as gerações de mulheres precisam ser refeitos se quisermos todas nos salvar do mito da beleza” (WOLF, 2019, p. 405).

No entanto as redes sociais também têm um papel integrador. Segundo Santos (2018), o acesso à essas novas tecnologias facilitou a melhor articulação de movimentos sociais, a exemplo do feminismo, pois possibilitou maior visibilidade para grupos tradicionalmente excluídos da sociedade, podendo fortalecer a presença desses sujeitos nos espaços públicos. Mulheres, em sua maioria jovens, apropriaram-se dos meios digitais para promoverem reivindicações e discussões sobre pautas diversas tais como: “descriminalização do aborto, cultura do estupro, prostituição, violência doméstica, violência obstétrica” (SANTOS, 2018, p. 22), direitos sobre o próprio corpo, direitos das mulheres negras e heteronormatividade, etc. ao falar sobre esses novos processos de articulações políticas por meios digitais Byung Chul Han nos faz ver que tais meios mesmo sendo eficiente na mobilização e compatuação de pautas, são

insuficiente para a manutenção do próprio movimento aí criado ou alimentado. De acordo com Byung Chul Han,

As ondas de indignação são eficientes em mobilizar e compactar a atenção. Por causa de sua fluidez e volatilidade elas não são, porém, apropriadas para organizar o discurso público, a esfera pública. [...] Elas se inflam repentinamente e se desfazem de maneira igualmente rápida. [...] Falta a elas a estabilidade, a constância e continuidade que seriam indispensáveis para o discurso público (HAN, 2018, p. 21).

Se para Byung Chul Han o ativismo online não chega à esfera pública, alcançando a vida real em decorrência da sua fluidez e velocidade, por corresponderem à velocidade mesmo com que tais meios funcionam. Por outro, lado Santos (2018) afirma que

esse tipo de ação propicia visibilidade a situações de violências sofridas por mulheres o que promove discussões sobre o assunto, disseminação de informações relativas a centros que oferecem apoio a mulher que se encontra em situação de violência, criação de redes mútuas de solidariedade entre outros desdobramentos (SANTOS, 2018, p. 22).

O feminismo e outros movimentos sociais têm se utilizado das mídias sociais/digitais para alcançar um número cada vez maior de pessoas, organizando ações, debates, encontros e movimentos de rua (CREDI-DIO; MARTINEZ, 2018). Isso se reflete diretamente na realidade de vida das mulheres, modificando discursos machistas de peças publicitárias (SANTOS, 2019), criando leis que assegurem seus direitos durante o parto (OLIVEIRA; PINTO, 2016), e abordando pautas sobre demandas não priorizadas anteriormente, como no caso das mulheres negras e transsexuais.

Partindo das discussões realizadas até o momento, e considerando que o acesso à internet ainda é restrito a uma parte da população da maior poder aquisitivo e que bom uso também exige uma melhor formação na orientação, ou seja, as restrições podem ser por termos econômicos, nível de escolaridade, região geográfica ou faixa etária, conforme dados obtidos através da TIC Domicílios (2017), é nítida a potencialidade das mídias sociais de proporcionar

maior visibilidade para grupos socialmente excluídos, a exemplo das mulheres e suas pautas, transformando sua realidade de vida, atuando como redes de apoio e modificando o modo como a sociedade enxerga tais grupos.

### **3. Métodos e Técnicas**

Considerando as discussões realizadas durante as reuniões do grupo de Iniciação Científica, destacamos como objetivo deste trabalho analisar, a partir de uma perspectiva arendtiana, a questão da esfera pública e privada no ambiente virtual, relacionando a discussão com os usos das mídias sociais/digitais na contemporaneidade, e as possíveis formações de redes de apoio entre mulheres. Visando embasar teoricamente nossa pesquisa, elencamos como procedimentos metodológicos para a execução deste trabalho a Revisão Bibliográfica, realizada por meio da leitura de artigos e textos científicos (SEVERINO, 2016). Este estudo reuniu 28 trabalhos publicados, entre livros e artigos, que foram encontrados através do buscador do Google e do site da *Scielo* (com os descritores: Hannah Arendt, mídias sociais, mulheres, feminismo). Neste momento, é importante salientar que identificamos a carência de publicações no Brasil sobre os impactos positivos ou negativos que essas tecnologias causam na saúde e vida das mulheres.

Na segunda etapa da nossa investigação analisamos comentários de mulheres em páginas de mídias sociais, especificamente do Youtube e Instagram. Optamos por analisar comentários de três vídeos, publicados respectivamente nos canais “ellora”, “Afros e Afins” e “Tá querida”, e da página “Mas ele nunca me bateu” no Instagram. A escolha por estes conteúdos se deu porque, além de terem sido gerados por mulheres, abordam temas voltados em geral para esse público. Os conteúdos foram acessados no dia 08 de dezembro de 2019, e os nomes das mulheres que realizaram os comentários foram devidamente protegidos.

### **4. Resultados e Discussão**

Os primeiros comentários foram retirados do vídeo “Saúde mental e Instagram na geração Z (1994-2010)”, publicado no canal do Youtube “ellora”.



Figura 1: ELLORA. **Saúde Mental e Instagram na Geração Z (1994-2010)**. 2019.

Trazendo dados e informações científicas, o vídeo fala sobre os impactos psicológicos causados pelo uso excessivo da plataforma Instagram. No momento da pesquisa o vídeo possuía 127.880 visualizações. Os comentários das seguidoras relatam a importância da discussão sobre tal assunto.

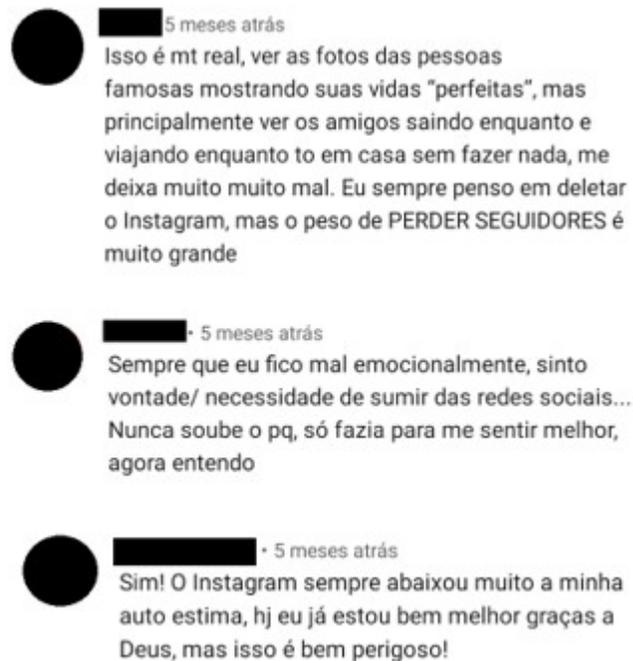


Figura 2: Comentário no vídeo. ELLORA. **Saúde Mental e Instagram na Geração Z (1994-2010)**. 2019.

Conforme alertado por Silva & Silva (2017) sobre os problemas causados pelo mau uso dessas ferramentas, e a partir dos comentários analisados, podemos considerar que as mídias sociais podem ser nocivas à saúde mental de algumas mulheres, principalmente porque estimulam hábitos de consumo e padrões de beleza inalcançáveis para a maioria das pessoas que as utilizam.

O vídeo "Psicoterapia, minha experiência – ferramentas de autoconhecimento #1", publicado por Nataly Neri do canal Afros e Afins, possui 29.227 visualizações até o momento da confecção do presente trabalho.



Figura 3: NERI, Nátaly. Psicoterapia, minha experiência – ferramentas de autoconhecimento #1, 2019

Neste vídeo Nataly Neri fala sobre sua experiência pessoal com a psicoterapia, abordando questões sobre autoconhecimento, autoestima e racismo.

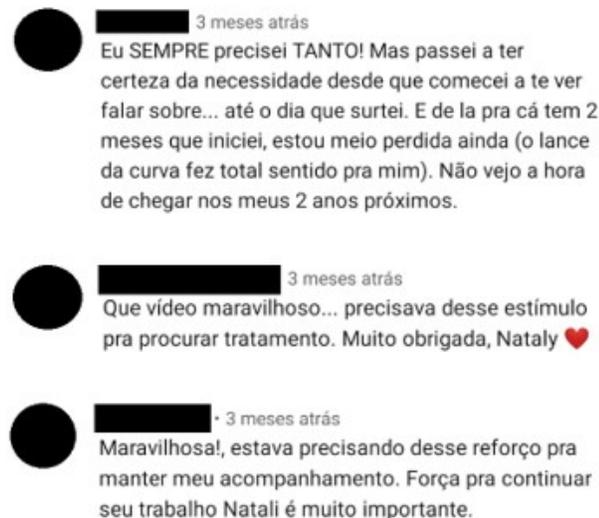


Figura 4: Comentário no vídeo. NERI, Nátaly. Psicoterapia, minha experiência – ferramentas de autoconhecimento #1, 2019

Os comentários expõem as necessidades das espectadoras de um estímulo para procurar ajuda profissional, reforçando a ideia de redes de apoio e solidariedade construídas através das mídias sociais.

No canal “Tá querida”, o vídeo “Tour pelo meu corpo” conta com mais de 2 milhões de visualizações no Youtube.



Figura 5: JUNQUEIRA, Luiza. Tour pelo meu corpo, 2017

No vídeo, a jovem Luiza Junqueira, mostra os detalhes do seu corpo, dialogando com as espectadoras sobre autoaceitação e quebra de padrões de beleza.

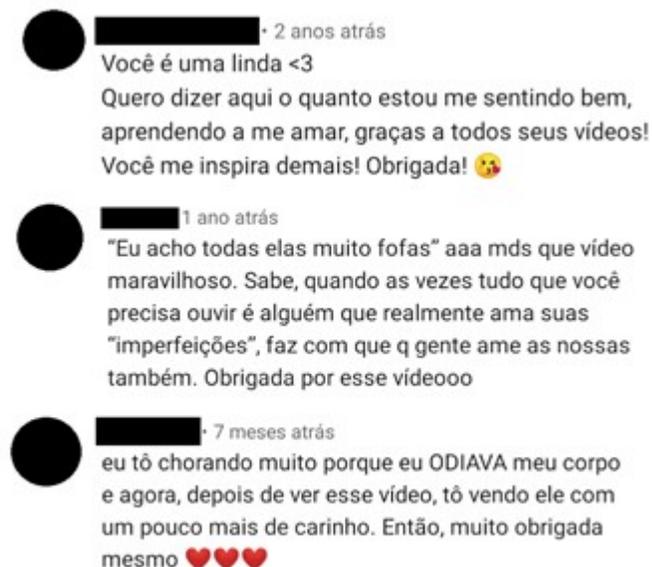


Figura 6: Comentários do vídeo. JUNQUEIRA, Luiza. Tour pelo meu corpo, 2017

Os comentários mostram que algumas mulheres se sentiram representadas pelo vídeo, enfatizando que as redes de apoio e os vínculos formados entre as mulheres possibilitam a quebra de padrões de beleza (WOLF, 2018) entre outros desdobramentos.

Por último, retiramos comentários da página “Mas ele nunca me bateu” no Instagram. Na data da pesquisa a página possuía 212 mil seguidores e 1.127 publicações.



Figura 7: @maselenuncamebateu, 2019

Os principais conteúdos divulgados pela página são sobre violências psicológicas e físicas sofridas por mulheres, com ênfase para os relatos de seguidoras sobre suas vivências em relacionamentos abusivos, conforme comentários abaixo:

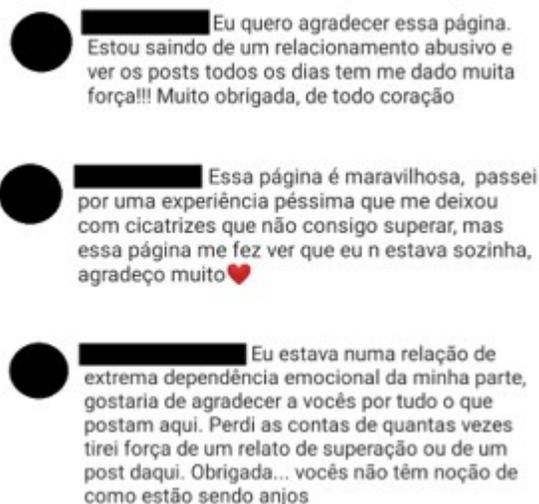


Figura 8: Comentários de seguidoras da página @maselenuncamebateu, 2019

Relatando as situações de violência a que foram submetidas, essas mulheres estão promovendo visibilidade pública e discussão para temas que, de acordo com o pensamento de Hannah Arendt (2018), situam-se na esfera privada da vida humana. Além disso, os relatos auxiliam outras mulheres a perceberem situações de violências vivenciadas por elas próprias ou por outras, criando uma rede de apoio e solidariedade entre estes grupos (SANTOS, 2018).

Neste sentido, o caráter contraditório das redes sociais/digitais está presente em quase todo o seu funcionamento, mas é inegável, a despeito do caráter negativo que possa ter, a contribuição que dar para a ampliação da fala pública. Os novos desafios essas práticas geram, são novos problemas com os quais temos que nos haver no contemporâneo.

### **Considerações Finais**

Apesar de Hannah Arendt não ter se dedicado ao feminismo, as leituras feministas sobre a obra arendtiana apontam para uma suposta contradição entre o movimento e a abordagem que a filósofa faz sobre o público e o privado, pois tal movimento considera que a separação rigorosa entre as esferas pública e privada

tem como efeito a exclusão de debates pertinentes para as mulheres (ASSIS, 2006).

Contudo, segundo Arendt (2018), o espaço público deve englobar a condição humana da pluralidade pois esta é a “condição básica da ação e do discurso” (ARENDR, 2018, p. 217). Se “somos todos iguais, isto é, humanos de um modo tal que ninguém jamais é igual a qualquer outro que viveu, vive ou viverá” (ARENDR, 2018, p. 10), a pluralidade humana guarda também um aspecto que diferencia os indivíduos uns dos outros, e essa diferenciação só pode ser feita por meio de palavras e atitudes, pois “ao agir e ao falar, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais únicas” (ARENDR, 2018, p. 222). Ainda nas palavras de Arendt, “se o mundo deve conter um espaço público, não pode ser construído apenas para uma geração e planejado somente para os que estão vivos, mas tem que transcender a duração da vida dos homens mortais” (ARENDR, 2018, p. 67).

Desta forma, se os debates sobre o feminismo são intensificados no novo espaço “público” do ambiente virtual, há uma necessidade pela reestruturação da esfera pública, uma demanda já identificada por Castells (2013). Portanto, acreditamos que essa redefinição do público só poderia ocorrer se os indivíduos mantivessem ativa a preocupação política ou o cuidado com o mundo, não se atendo apenas às questões individuais e privadas, pois “só existe revolução, nos termos de Arendt, se há homens disponíveis para a ação sob signo do cuidado com o mundo” (NUNES, 2016, p. 72).

Então, partindo de uma perspectiva arendtiana, podemos considerar que essas mulheres envolvidas nas lutas do mundo da vida, estão agindo no mundo e iniciando algo novo por meio do ambiente virtual, o que corresponde à condição humana de natalidade (Arendt, 2018). Conforme afirma Arendt, “O fato do homem ser capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável” (ARENDR, 2018, p. 220), e portanto iniciar algo novo.

Se para Byung Chul Han (2018) o ativismo online não alcança a vida real de fato, constatamos através da nossa pesquisa que as mídias sociais possuem a

potencialidade de proporcionar maior visibilidade para as pautas das mulheres, transformando as realidades vividas, atuando como redes de apoio e modificando o modo com a sociedade as enxergam.

## Referências

@MASELENUNCAMEBATEU. Disponível em:

<https://www.instagram.com/maselenuncamebateu/?hl=pt-br> último acesso em 09 de dezembro de 2019.

AGUIAR, Odílio Alves. **A questão social em Hannah Arendt**. Trans/Form/Ação. São Paulo, vol. 27, n. 2, pp. 7-20, 2004.

APROBATO, Valéria C. **Corpo digital e bem-estar na rede Instagram: um estudo sobre as subjetividades e afetos na atualidade**. Bol. - Acad. Paul. Psicol., São Paulo, v. 38, n. 95, p. 157-164, 2018. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-711X2018000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2018000200003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 09 dez. 2019.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 13ª ed. Revista. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

ASSIS, Mariana Prandini Fraga. **Uma apreciação feminista da teoria arendtiana**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 3, n. 1 (1), agosto-dezembro/2006, p. 1-17.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CALDAS, Ana Beatriz. Narrativas feministas no Youtube: divergências teóricas e vlogging. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XIX Congresso de Ciências da Computação na Região Nordeste – Fortaleza – CE – 29/06 a 01/07/2017. Pp. 1-15, 2017.

CANOVAN, Margaret. Introdução. In: ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 13ª ed. Revista. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COELHO, Mayara Pacheco. Vozes que ecoam: feminismo e mídias sociais. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, vol. 11, n. 1, São João Del Rei, jan.-jun., 2016.

CORREIA, Adriano. Pensar o que estamos fazendo. In: ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 13ª ed. Revista. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

CREDI-DIO, Luisa Cerqueira; MARTINEZ, Fabiana Jordão. A nova militância feminista – a ocupação dos espaços virtuais na perspectiva do movimento

estudantil feminista. **Emblemas** – Revista da Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais – UFG/CAC, vol. 15, n. 2, pp. 67-79, jul.-dez. 2018.

ELLORA. **Saúde Mental e Instagram na Geração Z (1994-2010)**. 25 de jun. de 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=OvPo-O\\_Cgjl](https://www.youtube.com/watch?v=OvPo-O_Cgjl) último acesso em 09 de dezembro de 2019.

FERREIRA, Carolina Branco de Castro. Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. **Cadernos Pagu**, vol. 44, jan-jun., 2015. Pp. 199-228.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e Juventude: experiências do público e do privado na cultura. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 65, pp. 43-58, jan./abr. 2005.

GIDDENS, Anthony. **O mundo na era da globalização**. 6ª ed. Lisboa. Editorial Presença, 2006.

GUTFREIND, Cristine Freitas; SILVA, Juremir Machado da. **Guy Debord: antes e depois do espetáculo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. 172 p.

HAN, Byung-Chul. **Enxame Digital**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2018.

\_\_\_\_\_. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2018.

JUNQUEIRA, Luiza. **Tour pelo meu corpo**. Tá Querida. 31 de outubro de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hDpHE2U4PEk&list=PLeNMiYLFbSJ4Er4yifyB3galTuG5ZXvu7> último acesso em: 09 de dezembro de 2019.

LIRA, Ariana Galhardi; GANEN, Aline de Piano; LODI, Aline Sinhorini; ALVARENGA, Marle dos Santos. Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. **J. Bras. Psiquiatr.**, 2017, vol. 66, n. 3, pp. 164-171.

LOPES, Amliz Ferreira e MENDONCA, Érika de Sousa. Ser jovem, ser belo: a juventude sob holofotes na sociedade contemporânea. **Rev. Subj. [online]**. 2016, vol.16, n.2, pp. 20-33. ISSN 2359-0769. <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.2.20-33>.

MARTINEZ, Fabiana. Feminismos em movimento no ciberespaço\*. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 56, e195612, 2019. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332019000200502&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332019000200502&lng=en&nrm=iso)>. access on 09 Dec. 2019. Epub Sep 16, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201900560012>.

MOROMIZATO, Maíra Sandes *et ali*. O uso de internet e redes sociais e a relação com ansiedade e depressão em estudantes de medicina. **Círculo Psicanalítico de Sergipe**, Aracaju, SE, Brasil, Revista Brasileira de Educação Médica, 41 (4); 497-504, 2017.

NERI, Nátaly. **Psicoterapia, minha experiência – ferramentas de autoconhecimento #1**. Afros e Afins, 15 de ago. de 2019. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=luvRPTBQpYE> último acesso em 09 de dezembro de 2019.

NUNES, Igor Vinícius Basílio. Amor mundi e o espírito revolucionário: Hannah Arendt entre política e ética. **Cadernos de Filosofia Alemã**, São Paulo, v. 21; n. 3; pp. 67-78, 2016.

OLIVEIRA, Rafael Santos de & PINTO, Gabriela Rousani. Mães de suas decisões: o papel do ciberfeminismo no empoderamento da mulher e na reivindicação de direitos relativos ao parto a partir do acesso à informação. **RVMD**, Brasília, V. 10.2, nº 2, p. 378-405, Jul-Dez, 2016.

PESQUISA sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros - **TIC Domicílios 2017**. Comitê Gestor de Internet no Brasil CGI, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://www.cgi.br/publicacoes/indice/pesquisas/>. Acesso em: 08 de dezembro de 2019.

SANTOS, Luciana Aparecida. **Ciberfeminismo: webativismo feminista em relação a violência simbólica de gênero em peças publicitárias**. São Paulo: FaBCI/FESPSP, 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24ªed. rev., e atual. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Thayse de Oliveira & SILVA, Lebiã Tamar Gomes. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. **Rev. Psicopedagogia**, 2017; 34(103): 87-97.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. Discurso Publicitário e Pedagogia do Gênero. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, Vol. 6, N. 17, p. 37-48, nov. 2009.

VERMELHO, Sônia Cristina; VELHO, Ana Paula Machado; BERTONCELLO, Valdecir. Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 863-881, dez. 2015. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022015000400863&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022015000400863&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 09 dez 2019. Epub 10-Abr-2015. <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-97022015041612>.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.